

# **A tradição cerâmica em Cacela (Vila Real de Santo António). Uma aproximação a partir dos vestígios arqueológicos, fontes históricas e memórias orais**

Catarina Oliveira

Nuno Inácio

Cristina Garcia

Patrícia Dores

Miguel Godinho



# A tradição cerâmica em Cacela (Vila Real de Santo António). Uma aproximação a partir dos vestígios arqueológicos, fontes históricas e memórias orais

Catarina Oliveira - Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / Câmara Municipal de Vila Real de Santo António  
Nuno Inácio - UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras de Lisboa. Universidade de Lisboa  
Cristina Garcia - Direção Regional de Cultura do Algarve / CEAACP  
Patrícia Dores - Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / Câmara Municipal de Vila Real de Santo António  
Miguel Godinho - Divisão de Cultura e Património Histórico / Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

## RESUMO

Na pequena aldeia de Santa Rita, localizada no Sotavento Algarvio, entre o litoral e a serra, desenvolveu-se uma tradição oleira com sucessivos herdeiros até meados do século XX. Porém, o que hoje resta deste sector artesanal são as memórias de filhos e netos que partilham os seus saberes na esperança de resgatar ao passado essas lembranças de outrora. Através da informação oral recolhida e dos restos arqueológicos que ainda subsistem foi possível reconstruir parte deste saber-fazer. O desenvolvimento de uma tradição oleira nesta aldeia não será alheio ao facto de existirem barreiros nas proximidades com matéria-prima de excelente qualidade e de onde era extraída argila para confeccionar loiça doméstica que seria vendida nas feiras e mercados da região. A qualidade e disponibilidade da argila foi provavelmente o motivo que propiciou a instalação na década de 1930/40 de uma pequena unidade fabril (telheiro) para produção de telhas e tijolos, e da qual restam ainda as ruínas de um dos fornos. Porém, os vestígios arqueológicos sugerem a existência de uma tradição oleira milenar enraizada na região de Cacela. Assim se explicam os vários vestígios de fornos de época romana (Manta Rota e Quinta do Muro), produções locais do período islâmico, como atesta o estudo de colecções cerâmicas exumadas em Cacela-a-Velha, e a construção de uma unidade fabril para fabricação de ladrilhos na Fábrica, junto à Ria Formosa, a poente de Cacela Velha, que ali laborou desde 1892 até à década de 1930. A profusão de memórias, saberes e tradições milenares nesta região são o mote para a apresentação do projecto *"A tradição cerâmica em Cacela. Uma aproximação a partir dos vestígios arqueológicos, fontes históricas e memórias orais"*.

## Palavras chave

Olaria, Barreiro, Tradição, Cerâmica, Algarve, Cacela

### 1. Introdução

O Algarve integra, nas palavras de Orlando Ribeiro, a chamada "civilização do barro", com forte expressão na produção e utilização de materiais cerâmicos na construção e em antigas tradições oleiras, ambas relacionadas com a abundância de terrenos ricos em argilas. Para além do emprego corrente do tijolo, ladrilho e telha na construção, "a olaria tem também, no Algarve, a mais larga utilização, nos utensílios domésticos, nas bilhas com que se vai buscar água à fonte distante, nos alcatruzes das noras ou nos côvos, em tudo semelhantes, com que se apanham os polvos." (Ribeiro, 1992: 42)

Aqui, a tradição oleira deve-se à abundância de matéria-prima resultante de factores geológicos, mas também a uma acumulação de saberes milenares que não são alheios ao facto do território algarvio estar integrado numa rede de comunicações comerciais e culturais entre o Mediterrâneo e o Atlântico.

Durante o século XX, até aos anos 60/70, a produção cerâmica manteve forte expressão local. "A olaria está expandida por todo o Algarve. Pequenos e pitorescos oleiros, ainda há pouco trabalhando por processos ancestrais, dedicam-se ao fabrico de variadíssimas peças, perfeitas na sua forma e no uso. (...) Na sua grande maioria utilitários, destacam-se na olaria regional os artigos domésticos e os produtos cerâmicos empregados na construção." (Pastor, 1965: 64) Na região, era nos mercados locais (que ocorriam uma ou mais vezes por mês) ou nas principais feiras (mais espaçadas e concorridas, atraindo maior número de

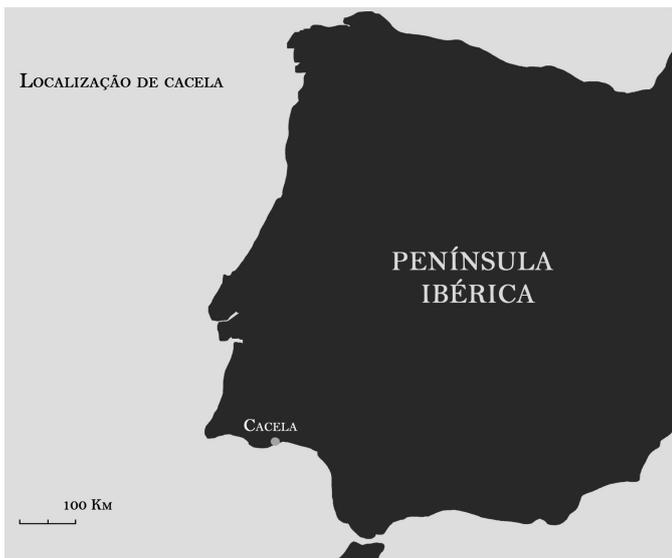


Figura 1 – Localização da região de Cacela na Península Ibérica.

produtores, comerciantes e clientela), que os habitantes se abasteciam destes objectos utilitários. Aí, nas palavras de Artur Pastor, “Os barros exibem múltiplas variedades e serventias (...). São os cântaros e as infusas, os tachos, que disputam o brilho ao sol, com sugestivos desenhos e legendas, as canecas, os potes, as panelas, numa magia de castanho, vermelho e amarelo, em combinações de gosto.” (Pastor, 1965: 70) Situado no Sotavento Algarvio (Figura 1), o território de Cacela é rico em barreiros explorados desde há muito. Verifica-se aqui uma intensa utilização de matérias-primas argilosas que fazem da produção oleira e de materiais cerâmicos para construção uma importante expressão da história, da paisagem e da identidade local. Esta tradição oleira levou Charles Lepierre, em 1899, a mencionar Santa Rita e Cacela

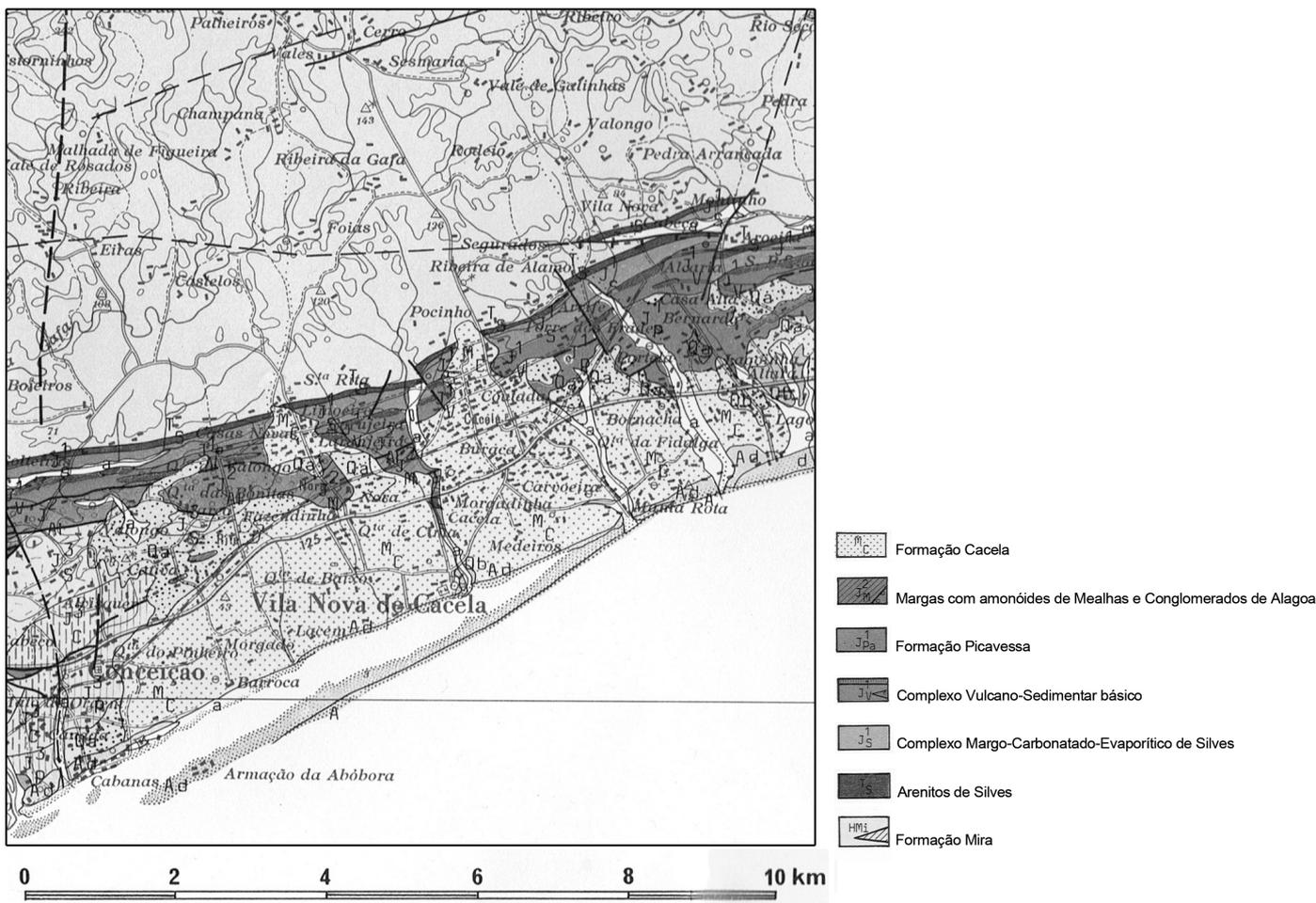


Figura 2 – Cartografia geológica da região de Cacela. Adaptado da Carta Geológica da região do Algarve (Folha Oriental), escala 1:100000.

como dois dos centros oleiros mais importantes do Algarve.

Neste território podemos distinguir pelo menos duas fontes de aprovisionamento que foram exploradas para a obtenção de argilas. A primeira encontra-se associada às formações mesozóicas do Complexo Margo-Carbonatado-Evaporítico de Silves, cuja exploração ainda hoje ocorre na área de Santa Catarina de Fonte do Bispo (Tavira), onde várias unidades fabris mantêm a lavra a funcionar. Trata-se de argilas ílticas, carbonatadas (calcite e/ou dolomite), com proporções bastante variáveis de minerais evaporíticos (anidrite, gesso) e ricas em óxidos de ferro (hematite), o que lhes conferem uma coloração vermelha (Trindade, 2007). A segunda fonte de matérias-primas encontra-se associada aos depósitos cenozóicos pertencentes à Formação de Cacela, como é o caso do sítio da Fábrica, cuja exploração deve remontar pelo menos ao período romano (Manuppella, 1992; Oliveira, 1992) (Figura 2). O presente texto pretende compreender como ao longo

da história, as comunidades que habitaram o território de Cacela fizeram uso dos seus recursos naturais e os transformaram com vista ao suprir de necessidades ligadas aos usos quotidianos (transporte, armazenamento e confecção de bens, no caso da olaria) e à habitação (pavimentação, paredes e cobertura das casas, no caso dos telheiros para produção de ladrilhos, tijolos e telhas para a construção tradicional). Através de um percurso diacrónico por diversos momentos históricos (Figura 3), pretende-se compreender o que revelam estas práticas antigas sobre o conhecimento do território e dos seus recursos: Que saberes na identificação das qualidades das argilas e métodos de extração? Que tecnologias de transformação? Que relações sociais e familiares na organização destas actividades produtivas? Que lugar nas economias locais e regionais (circuitos de comercialização)?

Com vista ao esclarecimento destas questões recorre-se a diversas fontes (cartográficas, documentais,

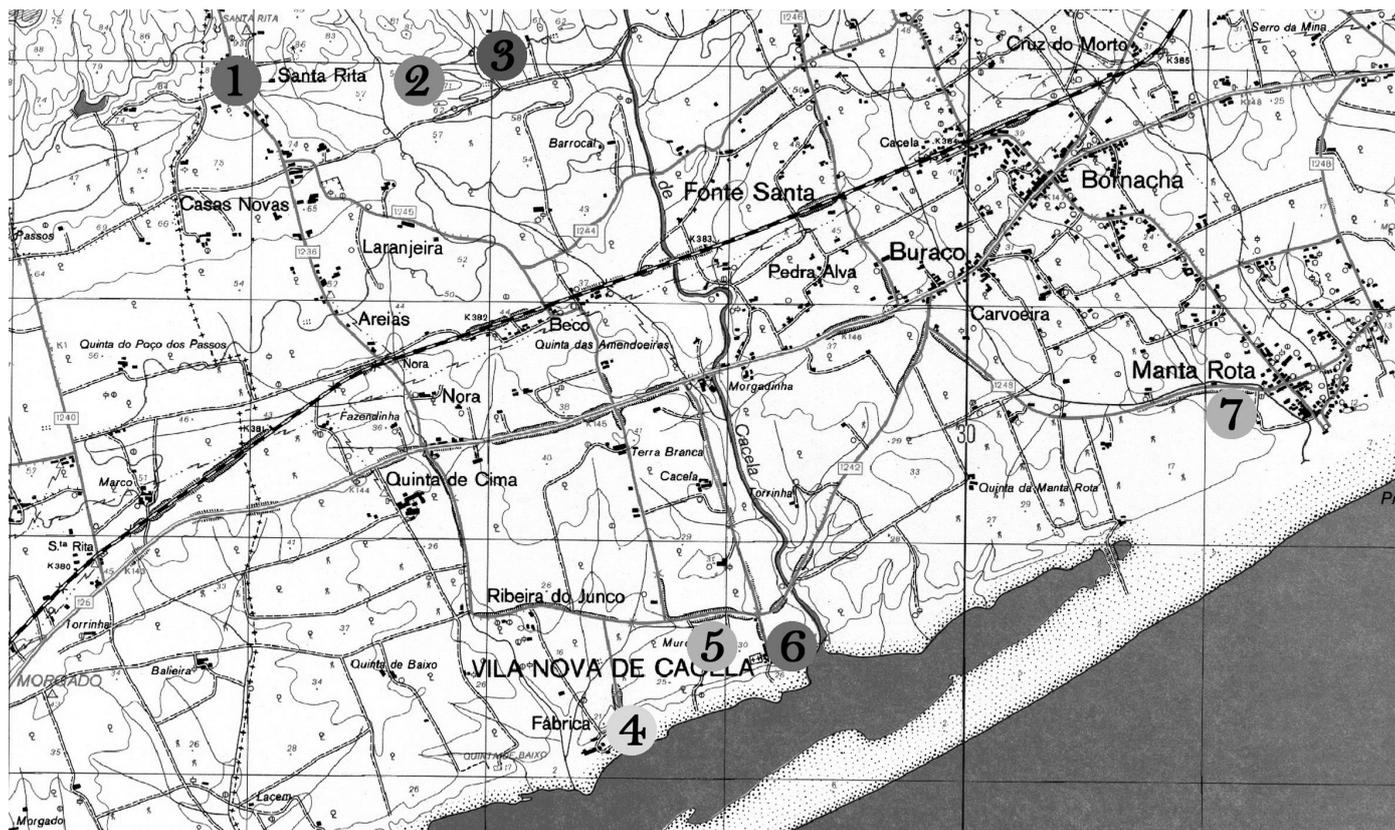
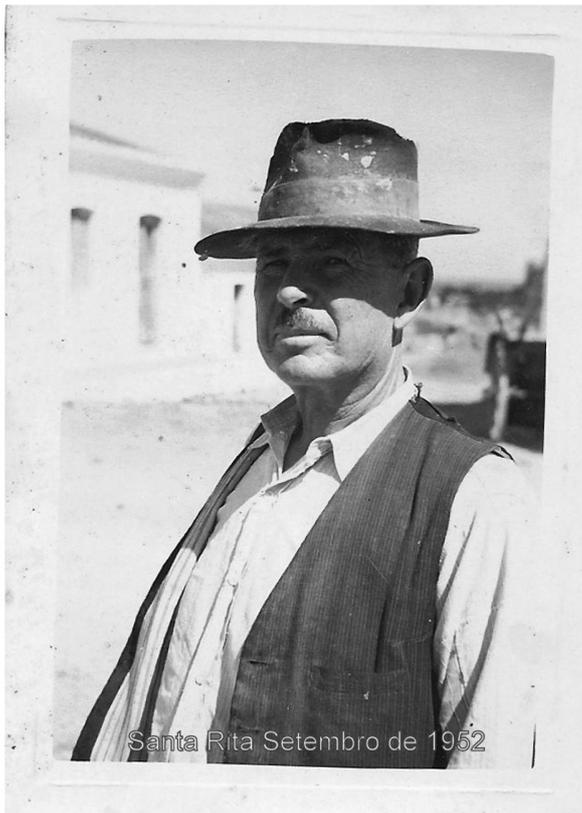


Figura 3 - Localização dos sítios comentados no texto na cartografia 1:25000, Folha 600. 1 - Olaria de Santa Rita; 2 - Túmulo Megalítico de Santa Rita; 3 - Telheiro do Serro dos Barros; 4 - Fábrica de cerâmica de Cacela; 5 - Quinta do Muro; 6 - Castelo de Cacela; 7 - Manta Rota.



**Figura 4** – Fotografia de José Rosa, último oleiro de Santa Rita, em Setembro de 1952. Vista exterior da olaria de José Rosa, década de 50 (fotografias cedidas por familiares).

bibliográficas, orais e artefactuais), privilegiando a ligação interdisciplinar entre a história, a antropologia, a arqueologia e a arqueometria.

## 2. A produção cerâmica na região de Cacela: centros produtores e períodos históricos

### 2.1. Período contemporâneo

#### 2.1.1. Produção oleira na aldeia de Santa Rita

Nos finais do séc. XIX Santa Rita é referida entre os mais importantes centros oleiros da região: “No Algarve fabrica-se louça por toda a parte onde existe argilla, o que se explica pelo afastamento relativo desta província. Os centros mais importantes são Tavira, Santa Rita, Cacella, Moncarapacho, Santa Catharina, Olhão, Lagos, Lagoa, etc.” (Lepierre, 1899: 88)

Em 1908, Ataíde Oliveira, na Monografia do Concelho de Vila Real de Santo António, afirma: “Na freguesia de Cacella trabalha-se na fabricação da louça de barro.

Encontram-se diferentes fábricas deste artigo no sítio de Santa Rita, pertencente a esta freguesia.” (Oliveira, 1908: 177)

Num artigo intitulado “Aspectos da Indústria e do Artesanato em Cacela nos anos 40 do Século XX”, Fernando Gil Cardeira refere que “Na localidade de Santa Rita havia uma olaria, do José Rosa, onde eram feitas panelas, caldeirões, vasos, infusas e alguidares, com barro colhido na região.” (Cardeira, 1997: 9).

Pese embora as referências documentais a várias olarias em Santa Rita entre os finais do século XIX e os inícios do século XX, a verdade é que os habitantes vivos da aldeia guardam memória apenas da olaria de José Rosa. Filho de uma família de oleiros - família Palermo Rosa - oriunda de Martim Longo, José Rosa nasceu, nos finais da centúria de oitocentos, em Santa Rita, numa casa térrea que é ainda propriedade dos seus descendentes (Figura 4). Terá começado a trabalhar cedo, com os seus 13 ou 14 anos, nos inícios de novecentos, naquela que viria a ser a última olaria de Santa Rita.



**Figura 5** – Panelas e alguidares realizados por José Rosa, último oleiro de Santa Rita. Pormenor da marca de oleiro “R” estampada na superfície externa de uma panela.

A “tenda”, como era conhecida, era uma casa térrea localizada naquela que é hoje a Rua dos Oleiros. No interior, três rodas de oleiro (ainda que naquele tempo só duas funcionassem), espaço para conservar o barro e as peças que aguardavam para ir ao fogo. No exterior, a mó para triturar as argilas e os tanques para a preparação do barro. Era também na frente da tenda que as peças secavam antes de seguirem para o forno circular próximo (hoje entulhado). Numa casa anexa funcionava uma fornalha onde o chumbo, para vidrar as peças, era preparado, durante a noite.

Do Serro dos Barros, 0,8 km a nascente da aldeia, traziam os barros vermelhos, os mais utilizados na olaria, especialmente para os vasos e infusas de água fresca. À Mata de Santa Rita, cerca de 1,5 kms a norte, iam buscar um barro de cor creme muito utilizado para os cântaros que as pessoas usavam para recolher água. O processo de extração das argilas era realizada “à enxada” (com um alfece, uma enxada mais estreita e comprida) e o transporte era feito por mulas, em gorpelhas de empreita, ou em carro puxado por muares. Já no exterior da tenda era triturado nas mós, movidas por força animal, joeirado e depois misturado com água nos tanques. Aí era mexido durante um dia inteiro com rodos, coado e levado, ainda em estado muito líquido, para tanques menos profundos onde ficava ao sol para ir secando. Era depois cortado, enrolado e trabalhado na pedra “como quem amassa o pão” até adquirir a

plasticidade necessária. Uma parte era tapada com panos embebidos em água para garantir a sua conservação, evitando que secasse. A outra era dividida em bocados mais pequenos, pronta para o trabalho na roda. Da roda saíam panelas, tachos, alguidares de barro, cântaros, infusas, potes para as azeitonas, vasos, etc. As decorações, pelo menos em tempos mais recentes, cingiam-se a incisões manuais simples. Depois de secas, primeiro à sombra e só depois ao sol, algumas – panelas, tachos, alguidares – eram vidradas no seu interior. Seguia-se o processo de enforna e cozedura no forno circular, alimentado a lenha durante cerca de um dia e meio.

A comercialização das peças era feita através de intermediários, comerciantes que as vinham comprar à olaria, ou o próprio oleiro ía aos mercados e feiras, onde as populações se abasteciam ciclicamente dos bens de que necessitavam.

Alguidares para amassar o pão, potes para conservar as azeitonas, panelas para cozinhar no lume de chão, cântaros para transportar água e infusas para a manter fresca (Figura 5), eram utensílios essenciais no quotidiano das populações até aos anos de 1950-60, altura em que os plásticos e alumínio vieram concorrer com as loiças de barro. Foi, na verdade, até essa altura que a olaria de José Rosa se manteve em funcionamento. Durante cerca de 50 anos, foi uma pequena indústria familiar (mas ainda assim reconhecida como importante

à escala regional), onde na década de 1940 chegou a trabalhar um outro oleiro – José Maria Batista, pai do actual barbeiro da aldeia – vindo de Olhão em busca de trabalho. Poucos anos depois acabou por partir para Estoi, pois José Rosa contava já com a ajuda dos seus dois filhos, um mais especializado na roda e outro na extração e preparação dos barros. Porém, cerca de uma década depois, um dos filhos morreu com vinte e poucos anos e outro ingressou na Guarda Nacional Republicana. José Rosa manteve a olaria em funcionamento mais uns anos, até meados de 1960, altura em que abandonou a sua arte para trabalhar ainda num aviário que entretanto havia surgido nas proximidades da aldeia.

### 2.1.2. Telheiro do Serro dos Barros

No já mencionado artigo de Fernando Gil Cardeira, este autor refere que “No sítio do Serro dos Barros existiu

durante vários anos uma cerâmica que fabricava telhas, ladrilhos e tijolos.” (Cardeira, 1997: 9). Este facto levou a equipa do Centro de Investigação e Informação do Património de Cacela / CMVRSa a identificar, em 2013, a nascente do Serro dos Barros, um pequeno forno de materiais cerâmicos para a construção (tijolos, ladrilhos, telhas). Trata-se de uma estrutura rectangular feita em alvenaria de pedra (no exterior), adobes (no interior) e argamassas de barro. Preserva ainda o forno, com câmara de queima abaixo do nível do solo, onde as lenhas entravam pela boca do forno, separada, por uma série de arcos, da parte superior onde o material era enornado, e um pequeno compartimento anexo. Fragmentos de tijolos, ladrilhos e telhas, peças essenciais dos sistemas construtivos da arquitectura vernácula, encontram-se disseminados à superfície do terreno e revelam o volume de produção desta unidade (Figura 6).



**Figura 6** – Telheiro do Serro dos Barros. Em cima à esquerda: perspectiva geral do forno com o serro dos Barros ao fundo. Em baixo à esquerda: perspectiva geral do forno e da grelha. Direita: alçado frontal do forno.

Esta indústria artesanal terá começado a laborar nos anos de 1930-40, por iniciativa de empreiteiros de Santa Catarina da Fonte do Bispo (Tavira), terra ainda hoje com forte tradição nesta actividade. A proximidade da matéria-prima no Serro dos Barros terá sido o motivo para a instalação desta indústria que aqui laborou não mais que cinco anos, segundo as memórias de alguns habitantes de Santa Rita. Os vestígios que ainda hoje subsistem indicam que se tratou de uma pequena unidade, onde trabalhariam poucas pessoas, ainda que o seu número e o regime de produção sejam questões que permanecem em aberto.

### **2.1.3. A Fábrica de Cerâmica de Cacela**

Unidade fabril fundada pela Companhia Algarviense em 1889 junto a Cacela Velha, no sítio da Fábrica, no perímetro da Ria Formosa, em local que acabou, anos mais tarde, por ganhar a mesma designação. Pouco referida na bibliografia disponível, sabe-se, no entanto, ter sido, ao tempo da sua fundação, uma das maiores fábricas algarvias e uma das mais importantes do país, no que à produção de materiais de construção concerne (Queiróz, 1987).

A sua actividade decorreu entre 1892 e cerca de 1930, após a compra dos direitos (aquisição da tecnologia, máquinas e moldes) à firma inglesa Clayton & Cie, cuja marca surge impressa em alguns dos materiais recolhidos à superfície. Ali se produziram tijolos (burro, prensados, furados), telhas (de canudo, marselha; manuais e à máquina), manilhas (de várias dimensões e diâmetros), e, possivelmente, segundo a bibliografia (Custódio, 1998: 6), mas sem evidências materiais, ladrilhos, balaustres e algumas loiças, aproveitando os barreiros que se localizavam na falésia, por trás (a norte) do local onde a fábrica se implantou – uma plataforma artificial construída para o efeito, à cota de 5m acima do nível do mar – numa exploração processada através de galerias transversais.

As argilas identificadas por Charles LePierre (1899), extraídas da Formação Cacela, seriam de dois tipos, tendo em conta as suas diferentes plasticidades e composições: uma amarela, de maior valor e por isso mais apreciada, e que, depois de calcinada, ganharia uma cor castanho-alaranjada, e outra vermelha escura, denominada da Barrada que se tornaria vermelha, igualmente alaranjada.

Os achados de superfície provenientes de diferentes procedimentos tecnológicos (tijolos e telhas fabricados à mão e à máquina), não tornaram possível, sem uma intervenção arqueológica que nunca se realizou, averiguar a sua proveniência cronológica, colocando duas questões fundamentais que continuam por responder: será que houve uma olaria manual antes da existência da fábrica? Será que havia nesta fábrica, dois tipos de fabrico: um manual e outro mecânico?

A estrutura fabril, edificada na lógica da arquitectura tradicional algarvia, com paredes em alvenaria de pedra e de tijolo, seria constituída por vários elementos. O estudo/parecer técnico feito por Jorge Custódio em 1990, quando ainda subsistiam vestígios arquitectónicos (em ruína) e no qual ainda foi possível recorrer à memória oral de uma das últimas pessoas que trabalharam nesta unidade, ajudou a reconstituir a sua organização. Assim sendo, no edifício da casa de motores (em 1912-15 seriam já dois, de alta pressão), estrutura grandiosa, com dois compartimentos, estavam localizados a máquina a vapor e as caldeiras (duas, com capacidade para uma produção diária de 12000 a 15000 tijolos, 1500 telhas marselhas e uma quantidade apreciável de tubos) (LePierre, 1912: 169). Ali perto, quatro fornos: um Hoffman contínuo com dez câmaras e chaminé central, dois circulares de cone de tiragem central e um para vidrar. Havia ainda uma oficina de trituração e moenda, onde se trabalhava por meios mecânicos, com água proveniente de um açude, uma oficina de moldagem, de tipo mecânico, para além da zona de secagem, sem evidências ou base documental que suportem com certeza se seria processada em ambiente fechado ou realizada ao ar livre. Para lá destas estruturas haveria ainda a residência do director, cujas dimensões e localização não se conhece, e um molhe/paredão atrás, utilizado no escoamento da produção realizado através de pequenas embarcações que atravessavam a Ria e carregavam depois os barcos de maior porte (Figura 7).

Relativamente ao operariado, os cálculos<sup>1</sup> apontam para que o número tenha variado, com algumas

<sup>1</sup> Estes números aparecem referidos por Pessanha (Custódio, 1998) e LePierre (1912).



**Figura 7** – Fábrica de cerâmica de Cacela. Em cima à esquerda: vista aérea do complexo fabril e do molhe. Em cima à direita: pormenor dos edifícios. Em baixo: vista geral dos armazéns.

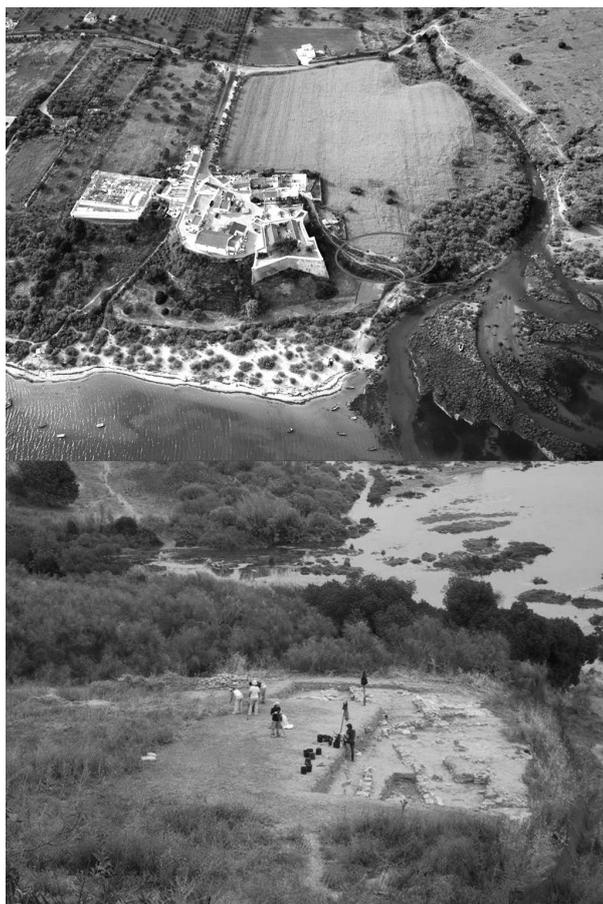
reservas, entre os 5<sup>2</sup> e os 40, podendo eventualmente ter chegado aos 60, em períodos de maior laboração. Segundo Pessanha, citado por Jorge Custódio, os salários auferidos eram muito baixos, os “mais baixos [do] pessoal oleiro do reino” (Custódio, 1998: 12). Apesar das dificuldades iniciais de arranque da actividade (custos de instalação superiores ao esperado; falta de vigor na direcção técnica e de consumo e crédito da produção; problemas no escoamento dos produtos ainda que sem por isso abrandamento na produção), sabe-se que mais tarde foi possível superar estes problemas. No entanto, a fama do carácter salitroso dos produtos, motivou, anos mais tarde, os administradores a cessarem a produção e a arrendar a

fábrica a particulares, primeiro a um tal de José Afonso (que segundo informações orais ainda terá trabalhado a cerâmica de forma manual), e depois a Francisco Rosa, que converteu o espaço fabril em terreno de lavoura. A demolição dos fornos deve datar desta fase (cerca de 1940-50) sendo que a progressiva ruína dos edifícios veio a dar lugar, na primeira década do século XXI, a uma imponente casa de habitação cuja construção destruiu por completo os já poucos vestígios materiais que restavam dos vários elementos edificados.

## 2.2. Produção cerâmica no período islâmico

No período islâmico, o “castelo de Cacela”, identificado por al-Idrisi como “Qastâlla Darrâj” (Coelho, 2008), foi porto estratégico na navegação por cabotagem no Sudoeste da Península Ibérica. O seu termo abrangia a região a oeste do rio Guadiana, aproximadamente entre

2 LePierre refere este número para o ano de 1908, bem como Ataíde Oliveira, na Monografia do concelho. Contudo, para Jorge Custódio, este número parece pouco credível, mesmo em tempos de crise.



**Figura 8** – Castelo de Cacela. Esquerda: fotografia aérea e perspectiva geral das escavações arqueológicas no bairro almóada. Direita: representação gráfica das formas cerâmicas mais comuns e respectivas pastas.

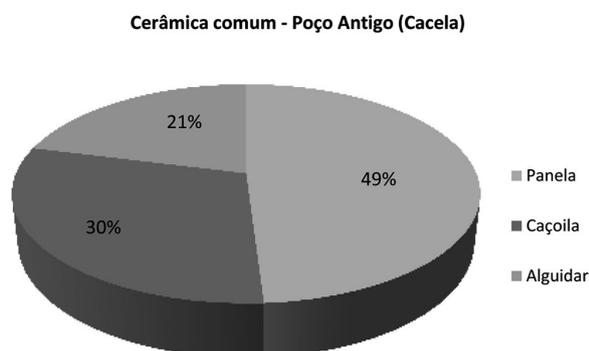
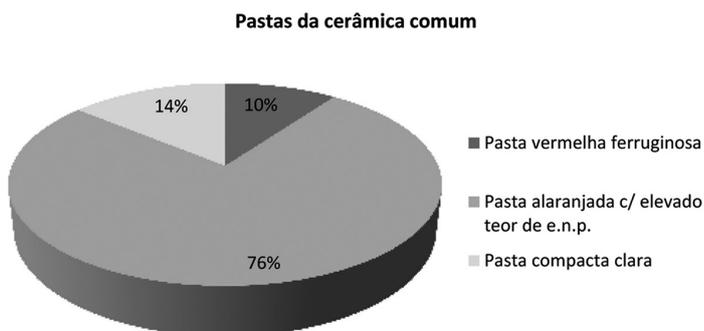
Alcoutim e a orla costeira, com limite provável na ribeira de Almagem (a nascente de Tavira). Este território estava amplamente povoado na serra (Catarino, 1998) e na zona costeira, dedicando-se os seus habitantes maioritariamente à pastorícia, agricultura e exploração de minérios. As fontes históricas e os materiais arqueológicos recolhidos evidenciam uma ocupação entre os séculos X e primeira metade do século XIII (Garcia, 2008; Garcia, 2015).

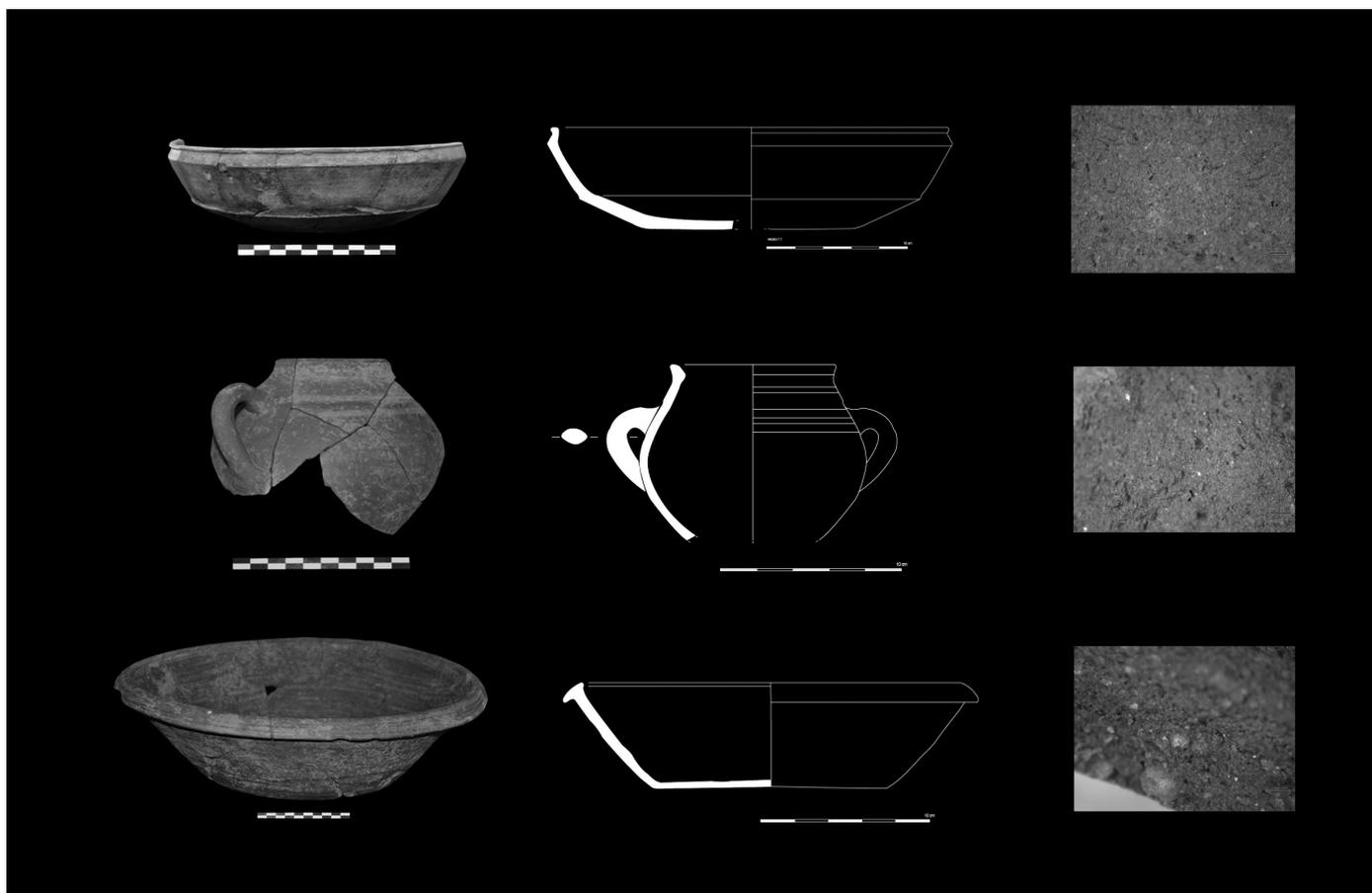
As escavações arqueológicas puseram a descoberto um conjunto de silos e estruturas localizados na plataforma superior amuralhada e um bairro habitacional extramuros, abandonado por volta de 1240 (Garcia, 2012; Garcia, 2015). Foram recolhidos cerca de 10.000 fragmentos cerâmicos, embora não tenham sido identificados evidências de contextos de produção oleira (Figura 8).

Os grandes recipientes de armazenamento, a louça de mesa e a de cozinha compõe o conjunto da cerâmica

comum recuperada nos contextos do bairro almóada localizado extramuros. Naturalmente, a louça de cozinha era a mais abundante, utilizada diariamente na preparação das refeições. Estes utensílios caracterizam-se por elevada exposição ao fogo, intensa utilização, sendo por isso substituídos com maior frequência no quotidiano doméstico.

O exame macroscópico identificou dois grandes grupos de pastas que foram submetidos a estudo petrográfico e mineralógico (Figura 9). As pastas de coloração clara apresentam uma matriz carbonatada e características mineralógicas e texturais, nomeadamente a presença de foraminíferos bentónicos e planctónicos, compatíveis com a Formação Cacela. O segundo grupo é formado por aqueles recipientes produzidos com argilas vermelhas com abundantes elementos não plásticos. Neste caso, o estudo microscópico sugere a utilização de argilas próximas aos denominados Arenitos de





**Figura 9** – Castelo de Cacela: fotografia, desenho e microfotografias obtidas em lupa binocular de alguns recipientes cerâmicos.

Silves. Em ambos os casos, as características das pastas cerâmicas sugerem a utilização de argilas locais, ainda que as diferenças observadas indiquem a coexistência de pelo menos duas tradições oleiras durante o período Almóada em Cacela-a-Velha.

### 2.3. Produção cerâmica no período romano

No período romano, torna-se interessante observar como a conjugação de factores como as características naturais da baía de Monte Gordo e a abundância e qualidade dos bancos de argilas locais, determinaram uma ocupação da orla costeira com carácter industrial, relacionada com a salga de peixe, a produção de pasta de pescado, a actividade agrícola e a produção oleira na zona entre a foz do rio Guadiana e Cacela (Garcia, 2008; Fabião, 2004; Santos, 1971; Viegas, 2009).

No que respeita ao tema da produção de cerâmica

romana, são conhecidos três núcleos de olaria nesta região: Manta Rota (Viegas, 2006), Quinta do Muro Garcia, 1991) e Olhos de São Bartolomeu (Maia, 1979), este último junto a Castro Marim. Neste capítulo apenas abordaremos os dois primeiros casos.

Na Manta Rota existiu um centro de produção de ânforas, cujas primeiras notícias se devem a Leite Vasconcelos que neste local refere a existência de “forno de loiça”, ânforas e candeias (Vasconcelos, 1920: 229). Em 1992, revolvimentos de terras puseram a descoberto, numa área com 600 m<sup>2</sup>, uma zona de entulho cerâmico com a espessura de cerca de 60 cm, preenchida com fragmentos ânforicos, materiais de construção (telhas e tijolos) e cerâmica comum. A realização de uma pequena intervenção arqueológica com carácter de urgência, sob a direcção de uma das signatárias (Cristina Garcia), permitiu registar alguns alinhamentos de tijolos em barro refractário que

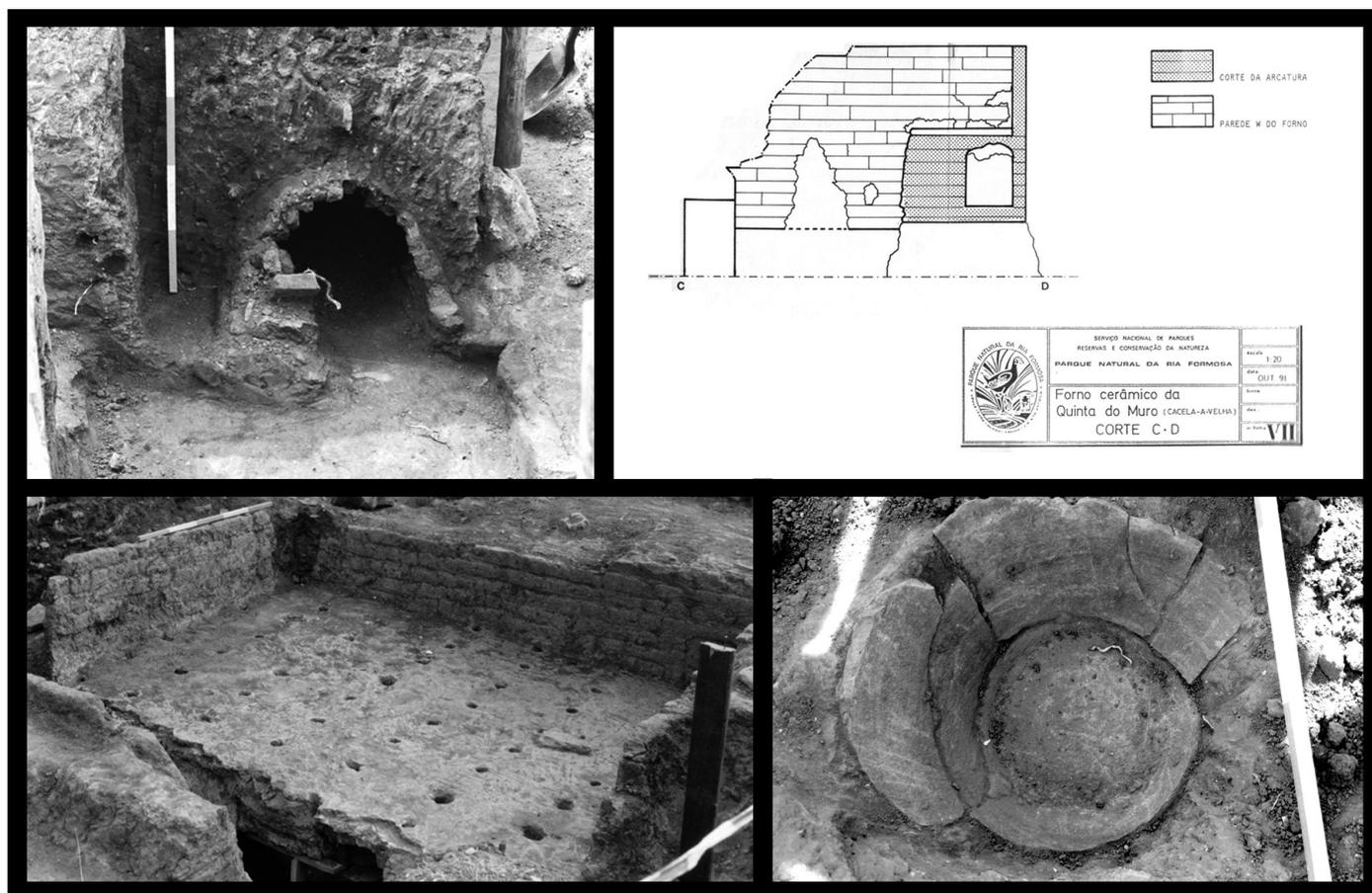


Figura 10 – Forno romano da Quinta do Muro (Cacela). Pormenores do forno, grelha, recipientes de cerâmica e desenho de alçado.

parecem ter integrado um forno de planta quadrangular. Foram ainda recolhidas ânforas, materiais de construção e cerâmica comum, maioritariamente com pastas de cor alaranjada clara, com poucas e ténues variações cromáticas.

Estes materiais foram objecto de um estudo recente desenvolvido por Catarina Viegas, que conclui tratar-se de um centro produtor que funcionou entre meados do século I e inícios do século V d.C (Viegas, 2006; Viegas, 2009). Esta autora sugere a existência de uma produção local de cerâmica, que corresponde a 67% da amostra estudada, maioritariamente composta por ânforas de tipo Dressel 14 (que terão sido fabricadas até ao século III d.C.), em menor quantidade ânforas Almagro 51c (cujo fabrico se terá prolongado até ao século V d.C.) e cerâmica comum, cuja morfologia se distribui entre pratos, tachos, panelas, tampas, potinhos, alguidares, bilhas, cântaros e talhas (*dolia*). A partir do exame

macroscópico, foram identificados dois tipos de fabrico, um que originou uma pasta esponjosa, onde se incluíam a maior parte das ânforas, e um fabrico mais depurado e compacto, associado sobretudo à cerâmica comum (Viegas, 2006: 187).

No âmbito dos estudos desenvolvidos pelo Instituto Tecnológico e Nuclear (Lisboa) para a caracterização arqueométrica dos centros produtores de cerâmica da Lusitânia, 20 amostras foram submetidas a análise química por INAA (Análise por Activação com Neutrões) e mineralógica por DRX (Difracção de Raios-X) com o objectivo de determinar a existência ou não no local de um centro oleiro (Dias *et al*, 2009). Num grupo significativo de amostras, a composição mineralógica e química, sobretudo o comportamento de terras raras, exhibe um padrão muito homogéneo, sugerindo tratar-se de um grupo de referência de um centro produtor, corroborando assim as evidências arqueológicas.



**Figura 11** – Vista aérea do túmulo megalítico de Santa Rita.

Porém, com base nas características químicas da amostragem, os autores sugerem a exploração de pelo menos três fontes de matéria-prima diferenciadas, compatíveis com a geologia local e regional.

Por sua vez, na Quinta do Muro (Cacela-a-Velha), uma escavação arqueológica de emergência realizada em 1990 (Garcia, 1991) pôs a descoberto um forno romano de planta quadrangular associado a tanques de salga de peixe (Figura 10). O forno, com 2,85 metros de lado, é composto por fornalha de três arcaduras, com abertura de alimentação de lenha orientada para norte. Sobre a fornalha foi implantado o tabuleiro de cozimento com cerca de 30 cm de espessura, ladeado por murete da câmara de cozedura, com 55 cm de altura. Os respiradores encontravam-se dispostos no tabuleiro em alinhamentos mais ou menos paralelos entre si. A tipologia do forno e os materiais exumados comprovam a utilização deste forno essencialmente para o fabrico de materiais de construção, telhas e tijolos, mas também para a produção de cerâmica comum.

#### 2.4. Produção cerâmica durante a Pré-História

O túmulo megalítico de Santa Rita foi identificado em 2001 no âmbito de um conjunto de medidas de inventariação e classificação do património histórico e arqueológico de Cacela (Garcia, 2008). Localiza-se muito próximo dos monumentos da Nora e Marcela, referenciados e estudados por Estácio da Veiga no

século XIX (Veiga, 1886). Os trabalhos de investigação desenvolvidos no túmulo megalítico de Santa Rita permitiram documentar um importante contexto funerário, associado a um monumento ortostático, escavado parcialmente no substrato rochoso local, formado por uma câmara funerária de planta piriforme e um longo corredor de acesso, diferenciado em planta e alçado (Inácio *et al.* 2008 e 2010) (Figura 11).

No que concerne ao ritual funerário, a ausência de deposições primárias e a homogeneidade das regiões anatómicas presentes, sobretudo crânios e ossos longos dos membros, sugere que este monumento foi utilizado apenas como ossário. Paralelamente aos restos osteológicos aí depositados, as práticas sociais de ritualização do espaço funerário incluíram a colocação simbólica de várias oferendas, onde se incluem alguns recipientes de cerâmica, sobretudo associados às fases mais recentes de utilização da câmara funerária (Figura 12). As cinco datações pelo radiocarbono até agora disponíveis dos contextos do interior da câmara funerária sugerem a utilização deste monumento a partir dos finais do IV até meados do III Milénio a.C.

Os resultados do estudo petrográfico realizado sobre oito amostras de cerâmicas provenientes de diferentes momentos de ocupação do monumento revelaram que os recipientes identificados neste contexto funerário foram manufacturados com argilas locais (Inácio, 2017). As características mineralógicas e litológicas sugerem a utilização de depósitos provenientes da meteorização de rochas que afloram a poucas centenas de metros do monumento, no denominado Serro dos Barros. Apesar da grande diversidade de recursos argilosos existentes nesta região, a selecção de argilas procedentes de uma área bastante concreta poderá estar relacionada com a tentativa de apropriação de elementos concretos da paisagem envolvente. Além do mais, o seu uso continuado parece indicar a existência de laços simbólicos com determinados elementos da paisagem que invocam uma memória que pervive desde os antepassados.

#### 3. Perspectivas futuras

Os casos citados são o exemplo da interacção entre várias comunidades e civilizações que ocuparam este

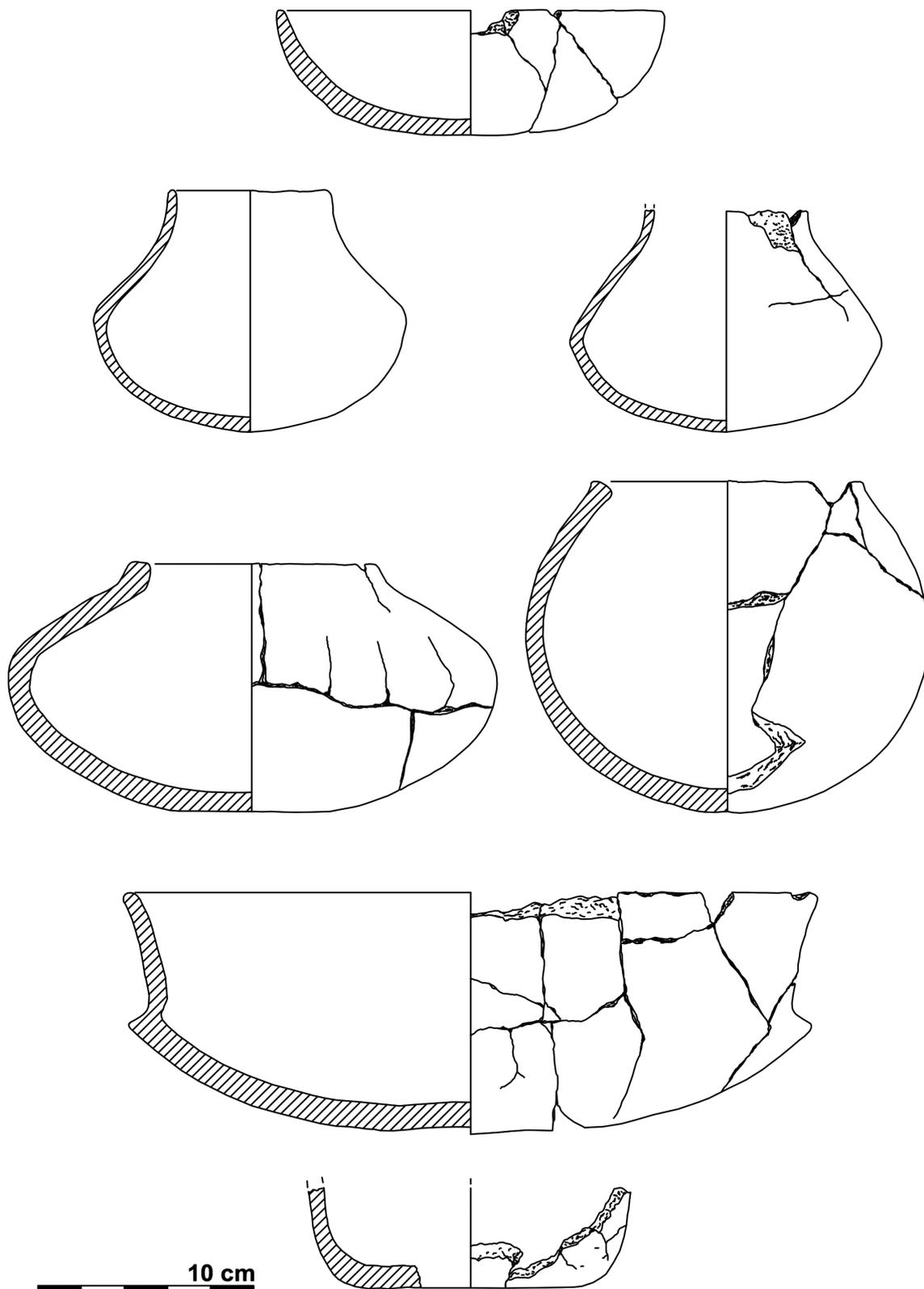


Figura 12 – Recipientes cerâmicos documentados nos contextos funerários do túmulo megalítico de Santa Rita.

território e exploraram os recursos naturais disponíveis. É nesta partilha da paisagem que identificamos as semelhanças e as diferenças que definem os momentos históricos, mas sempre sob um elo comum: o barro que Orlando Ribeiro elevou a civilização. A diversidade, disponibilidade e qualidade das argilas da região de Cacela contribuíram decisivamente para a manutenção de uma tradição artesanal intimamente ligada à terra e à cultura, de raízes imemoriais, moldada em saberes fazeres que foram transmitidos de geração em geração praticamente até aos dias de hoje. A partir da identificação e do estudo dos barreiros e dos centros produtores de materiais cerâmicos e olarias na zona de Cacela, decorrem várias questões que se assumem como linhas de investigação prioritárias a desenvolver. Desde logo, importa analisar os contextos sociais e económicos que motivaram as distintas comunidades a utilizar de forma continuada as argilas locais com vista a suprir as necessidades ligadas aos usos quotidianos (transporte, armazenamento e confecção de bens, no caso da olaria) e à habitação (pavimentação, paredes e cobertura das casas, no caso dos telheiros para produção de ladrilhos, tijolos e telhas para a construção tradicional). Só desta forma poderemos avaliar a dimensão e a escala (ao nível da produção e comercialização) que tiveram estas indústrias artesanais nos diversos momentos, e qual o seu impacto na estrutura económica local. Por outro lado, de que forma as alterações recentes na estrutura socioeconómica destas comunidades rurais, na produção massificada e industrializada de bens de uso

doméstico e para a construção e no alargamento das redes de comercialização, vieram a condenar estas actividades?

A análise diacrónica de uma actividade artesanal baseada essencialmente num saber-fazer acumulado ao longo de milénios e transmitido através de mecanismos de aprendizagem, muitas das vezes informais, implica obrigatoriamente indagar sobre os processos de permanência e continuidade *versus* inovação nas tecnologias de extracção e nas formas de transformação das matérias-primas em produtos acabados. Por exemplo, é possível que os métodos de extracção e preparação do barro não tivessem sofrido muitas alterações desde o período romano até aos nossos dias. Um exemplo da permanência das mesmas técnicas de produção é a constatação que os processos de cozedura sofreram poucas alterações, basta comparar a tipologia do forno da Quinta do Muro, do período romano, onde se produziam materiais para construção, e o do telheiro do Cerro dos Barros, que funcionou em meados do século XX.

Por último, importa ainda referir que a prática oleira não esteve imune ao aparecimento de construções simbólicas que deixaram expressão na identidade local e na memória. São exemplo deste facto os antigos topónimos como Serro dos Barros ou Pisa Barros e as lendas que ainda hoje associam algumas zonas de barreiros a encantamentos, minas e tesouros (Fernandes, 2007), reveladores da antiguidade da utilização deste recurso e da dimensão simbólica que estes lugares adquiriram.

- CARDEIRA, F. G. (1997): "Aspectos da Indústria e do Artesanato em Cacela nos anos 40 do Século XX". In *Jornal do Algarve*, 27 Novembro, p.9.
- CATARINO, H. (1998): "O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica". In *Al-'Ulyã, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 6, 3 volumes, Loulé, Arquivo Histórico Municipal de Loulé.
- COELHO, A. B. (2008): *Portugal na Espanha Árabe*. 3ª edição revista, Lisboa, Editorial Caminho.
- CUSTÓDIO, J. (1998): *Fábrica de cerâmica de Cacela*: parecer técnico. Policopiado.
- DIAS, M.I., VIEGAS, C., GOUVEIA, M.A., MARQUES, R., FRANCO, D. e PRUDÊNCIO, M.I. (2009): "Geochemical fingerprints of roman pottery production from Manta Rota Kilns (Southern Portugal)". In (Ed. Biró, K.T., Szilágyi, V, Kneiter) *Vessels: Inside and Outside. Proceedings of the 9th European Meeting on ancient Ceramics 2007*. Hungarian National Museum, pp. 83-90
- FABIÃO, C. (2004): "Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação". In *Actas del Congreso Internacional FIGLINAE BAETICAE. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - VII d.C.)*, Universidad de Cádiz, Noviembre 2003, B.A.R., int. ser., 1266, Oxford, pp. 379-410.
- FERNANDES, M. E. (2007): *Mourinhos e mouras encantadas em Cacela*, CMVRS, Vila Real de Santo António.
- GARCIA, C. (1991): *Relatório da Intervenção de Emergência num Forno Cerâmico Romano. Quinta do Muro (Cacela Velha)*. Parque Natural da Ria Formosa. Policopiado.
- GARCIA, C. (2008): *Cacela, terra de Levante. Memórias da paisagem algarvia*, Vila Real de Santo António. Câmara Municipal de Vila Real de Santo António e Campo Arqueológico de Mértola.
- GARCIA, C. (2012): "A arquitetura do bairro islâmico do Poço Antigo, Cacela. Campanhas arqueológicas de 1998 e 2001". In *Arqueologia Medieval*. Campo Arqueológico de Mértola (entregue para publicação).
- GARCIA, C. (2015): *Cacela-a-Velha no contexto da actividade marítima e do povoamento rural do sudoeste peninsular nos séculos XII-XIV*. Tese de doutoramento, Universidade de Huelva. <http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/10777?locale-attribute=en>.
- INÁCIO, N., CALADO, D., NOCETE, F., CURATE, F., OLIVEIRA, C., PERAMO, A. e BAYONA M.R. (2008): "Pré-história e Megalitismo na região de Cacela. Uma proposta integrada de investigação, valorização e protecção do património arqueológico". In *XELB 8: Actas do 7º Congresso de Arqueologia do Algarve*, Silves, pp. 61-74.
- INÁCIO, N., NOCETE, F., CALADO, D., CURATE, F., NIETO, J.M., BAYONA, M. R., OLIVEIRA, C. (2010): "O Túmulo Megalítico de Santa Rita (Vila Nova de Cacela). Resultados preliminares de um processo de investigação em curso". In *XELB 10: Actas do 9º Congresso de Arqueologia do Algarve*, Silves, pp. 73-86.
- INÁCIO, N. (2017): "Potes para os mortos: ritual funerário e tecnologia cerâmica em contexto megalítico". In *II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, AAP, pp. 647-660.
- LEPIERRE, C. (1889): *Estudo Chimico e Technologico sobre a Cerâmica Portuguesa Moderna*, 1ª ed., Imprensa da Universidade, Coimbra.
- MAIA, M. (1979): "As ânforas de S. Bartolomeu de Castro Marim". In *Clio-Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, vol. 1, p. 141-151. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MANUPPELLA, G. (Coord.) (1992): *Carta Geológica da Região do Algarve, escala 1/100.000, Folha Ocidental*, Serv. Geol. Portugal, Lisboa.
- OLIVEIRA, A. (1908): *Monografia do Concelho de Vila Real de Santo António*, Algarve em Foco Ed., Faro.
- OLIVEIRA, J. T. (Coord.) (1992): *Carta Geológica de Portugal, 1/200 000, Folha 8*. Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa.
- PASTOR, A. (1965): *Algarve*. Portugal, Lisboa.
- QUEIRÓZ, J. (1987): *Cerâmica Portuguesa e outros estudos, Organização, apresentação, notas e adenda iconográfica à edição de 1907 por José Manuel Garcia e Orlando da Rocha*, Editorial Presença, Lisboa.
- RIBEIRO, O. (1992): *Geografia e Civilização. Temas Portugueses*, 3ª edição, Lisboa, Livros Horizonte.
- SANTOS, M. L. E. V. (1971): *Arqueologia Romana do Algarve*, 2 vols, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- TRINDADE, M. J. F. (2007): *Geoquímica e mineralogia de argilas da bacia algarvia: transformações térmicas*. Tesis Doctoral. Universidade de Aveiro. Edição policopiada.

VASCONCELOS, J. L. (1920): "Coisas Velhas". In *O Archeologo Português*, vol.XXIV, p.215-237, Lisboa, Museu Ethnologico Português.

VIEGAS, C. (2006): "O forno romano da Manta Rota (Algarve)". In *Setúbal Arqueológica*, 13 (*Actas do Simpósio Internacional de Homenagem a Françoise Mayet*), MAEDS, pp. 177-196.

VIEGAS, C. (2009): *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, (Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

### **FONTES ORAIS**

Entrevista a José Alberto de Jesus Rosa, neto do último oleiro de Santa Rita José Rosa. Natural de Santa Rita. Nascido em 1954. Vive em Mértola.

Local e data de entrevista: Santa Rita, 22 Fevereiro 2013

Entrevista a Manuel José Batista, barbeiro, filho de oleiro que trabalhou com o José Rosa, último oleiro de Santa Rita. Natural de Olhão, nascido em 1925. Vive em Santa Rita.

Local e data de entrevista: Santa Rita, 17 Dezembro 2012